

ENSINO DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS A ADOLESCENTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EXITOSAS PARA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

TEACHING SOCIO-EMOCIONAL SKILL TO ADOLESCENTS IN MIDDLE SCHOOL: SUCCESSFUL PEDAGOGICAL PRACTICES FOR CONFLICT MEDIATION, AN EXPERIENCE REPORT

Maria Cecília Pereira Soares Ribeiro¹, Leide Patrícia Mozini da Costa e Silva², Maxwell Luiz da Ponte³, Juliana Prado Ferrari Spolon⁴, Tiago Moreno Lopes Roberto⁵

¹Coordenadora Pedagógica, Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto, mribeiro@educacao.riopreto.br; ²Escrevente, Vara da Infância e Juventude de São José do Rio Preto, leides@tjsp.jus.br; ³Professor Adjunto, Universidade Estadual do Ceará, maxwell.ponte@uece.br; ⁴Professora do Ensino Superior, Centro Universitário de Rio Preto, julianaferrarih@gmail.com; ⁵Professor do Ensino Superior, Centro Universitário de Rio Preto e Faculdade Futura de Votuporanga, tiago.moreno@faculdadefutura.com.br

RESUMO- Trabalhar pedagogicamente com o ensino de habilidades socioemocionais tornou-se imprescindível para uma melhor aprendizagem discente, principalmente após a pandemia da Covid-19. Através de aulas expositivas dialogadas e debate sobre temáticas que abordavam desde o projeto de vida, a importância do protagonismo juvenil e sobre as macrocompetências emocionais, foi possível alcançar melhor desenvolvimento qualitativo de jovens em uma escola pertencente à cidade de São José do Rio Preto. Adolescentes de 12 a 14 anos, durante dois meses, uma vez por semana, seguiram um cronograma de aulas elencadas pela coordenadora pedagógica com autorização dos pais e auxílio dos docentes da unidade escolar em questão, gerando a vivência de momentos de acolhimento e de discussão sobre inteligência emocional. Como resultados obtidos, pôde-se verificar uma diminuição na quantidade de intercorrências indisciplinadas, criação de uma metodologia que não tendia a medidas punitivas, havendo melhor mediação escolar, prática dos princípios da justiça restaurativa, maior confiança e apoio dos responsáveis dos alunos à escola, maior número de encaminhamentos discentes a centros de atenção psicossocial e maior motivação docente e discente no dia a dia. Foram observados, também, melhores resultados em competições por parte dos alunos e aumento no número de aprovações em vestibulinhos de escolas técnicas da cidade. O presente relato evidencia que através das estratégias pedagógicas escolhidas houvesse uma comunicação mais efetiva e a colaboração entre pares se tornasse mais efetiva, havendo uma parceria mais significativa entre escola-família-aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Competências socioemocionais. Mediação de conflitos na escola. Justiça restaurativa nas escolas. Ensino fundamental anos finais. Práticas pedagógicas para ensino de habilidades socioemocionais.

ABSTRACT- Working pedagogically with the teaching of socio-emotional skills has become essential for better student learning, especially after the Covid-19 pandemic. Through dialogued expository classes and debates on topics that covered everything from the life project to the importance of youth protagonism and emotional macro-competences, it was possible to achieve better qualitative development of young people in a school belonging to the city of São José do Rio Preto. Adolescents aged 12 to 14, for two months, once a week, followed a schedule of classes listed by the pedagogical coordinator with parental authorization and assistance from teachers at

the school in question, generating the experience of moments of welcome and discussion about emotional intelligence. As results obtained, it was possible to verify a decrease in the number of in disciplinary incidents, creation of a methodology that did not tend to punitive measures, with better school mediation, practice of the principles of restorative justice, greater trust and support from the students' guardians at school, greater number of student referrals to psychosocial care centers and greater teacher and student motivation on a daily basis. There were also better results in competitions among students and an increase in the number of passes in entrance exams at technical schools in the city. This report shows that through the chosen pedagogical strategies there was more effective communication and collaboration between peers became more effective, with a more significant partnership between school-family-student.

KEYWORDS: Socio-emotional skills. Conflict mediation at school. Restorative justice in schools. Middle school – 7th or 8th. Pedagogical practices for teaching socio-emotional skills.

1 INTRODUÇÃO

As relações humanas demonstram intensa complexidade, pois estão associadas a uma gama de eventos, como a ampliação da fragilidade educacional ou mesmo ligadas às crises sociais, que ocorrem mais frequentemente no mundo moderno pós-pandêmico. Assim, é verificado que os conflitos acontecem a todo momento, sendo inerentes às interações humanas, podendo ocasionar desde indisciplinas, se evidenciados os espaços escolares, a consumação de autolesões provocadas (suicídios) ou mesmo a evasão e abandono escolar. Ainda, tais eventos podem estar relacionados a agressões verbais e/ou físicas, que diminuem o bem-estar e saúde mental dos envolvidos. Com o objetivo de possibilitar que os jovens aumentem seu repertório quanto à resiliência e baseiem suas ações nos cinco pilares da educação (aprender a ser, a fazer, a conhecer, a conviver e a aprender), a mediação de conflitos é uma ferramenta valiosa, que ajuda a escola a se tornar mais pacífica e democrática (FERNANDES, LOPES, 2019; DEL BIANCO, FERNANDES, 2023).

Martins, Machado e Furlanetto (2016) declaram que em momentos de violência e de conflito, que ocorrem em escolas públicas com maior frequência, há a necessidade de um olhar atento, devendo ser verificado se a escola está cumprindo seu papel social no mundo contemporâneo: o de refletir acerca das relações e habilidades sociais, formando indivíduos como cidadãos do mundo, atuantes em sociedade, para que edifiquem um mundo melhor. Dentre os principais tipos de conflitos encontrados em escolas são em seu maior número: aqueles que demonstram divergências entre alunos ou mesmo mal-entendidos entre professor e aluno, que ocorrem devido a uma incompatibilidade de interesses dos envolvidos ou mesmo à uma falta de compreensão das regras e combinados, sendo necessário um canal para que sejam resolvidas as situações de conflito. Criar planos de convivência, círculos de paz ou diálogos francos entre as partes/escuta ativa, são formas de iniciar uma melhor mediação de conflitos nas escolas (SILVA, SALES, 2023).

Verifica-se, dessa forma, que a criação de comitês de mediação nas escolas, com o objetivo de formação dos membros educativos para que eles sejam mais conscientes de seu papel social e de suas responsabilidades, oportunizam a difusão

de uma cultura de paz nos espaços escolares, sendo o diálogo a base imprescindível para resolução de todo e qualquer conflito. Tais ações realizadas na escola são uma alternativa no tratamento dos conflitos pelo Poder Judiciário, além de promoverem uma conciliação das partes de maneira mais amistosa, que busca respostas de uma forma mais efetiva com melhores resultados, construindo coletivamente uma sociedade mais democrática e embasada no bem-estar de seus cidadãos (MARTINS, CASTILHO-JUNIOR, 2024).

É importante ressaltar que as habilidades socioemocionais precisam ser desenvolvidas, devendo fazer parte do currículo escolar diário, sendo trabalhadas de maneira transdisciplinar, evidenciando que a subjetividade é algo significativo na formação de todo ser humano, afinal, é necessário existir ou fortalecer as competências que geram um conjunto de valores para que haja motivação, para que o trabalho e situações se tornem significativos e para que haja humanização em diferentes locais (CANETTIERI, PARANAHYBA, SANTOS, 2021). Assim, toda essa capacitação de como analisar e solucionar conflitos, prepara os alunos para que saibam se portar frente aos desafios diários e às adversidades. Além disso, docentes podem atuar como orientadores e tutores nesse processo, “acalmado os ânimos” dos alunos, mediando o aprendizado de comportamentos adequados, a fim de que exerçam com tranquilidade suas atividades, também contribuindo para um clima organizacional agradável na escola e na sala de aula, havendo um melhor gerenciamento de relacionamentos, pensamentos e sentimentos, tornando o ambiente escolar mais pacífico, dotado de uma cultura mais harmônica e dando chance para que haja a formação integral discente (CARMO, 2022).

Retomando o embasamento teórico, de acordo com Fernandes e Lopes (2019), todo ser humano nasce digno, sendo essa dignidade permitida desde que não se fira a liberdade de outrem, resguardando, dessa forma, os direitos e garantias previstas aos sujeitos no ordenamento jurídico. Na atualidade, infelizmente, as crianças e adolescentes desconhecem as noções de limite, que deveriam ser dadas pela família, dificultando, conseqüentemente, muitas das relações sociais e prejudicando o desenvolvimento de sua inteligência emocional. Um exemplo disso são as várias notícias em telejornais ou mesmo relatos presentes em artigos científicos que retratam a prática de agressões (*bullying, cyberbullying*) nas suas mais diferentes formas, que intervêm negativamente na convivência entre pares, resultando não só num baixo desempenho escolar dos alunos ditos vítimas das ações, mas em deficiências dos componentes de sua saúde mental, que levam à uma instabilidade e falta de autocontrole emocional, bem como dificuldades para relacionar-se, também, ocorre diminuição da autoestima, gerando barreiras para que o indivíduo diga o que sente e para que peça ajuda (VALENZUELA-APARICIO et al., 2023).

Sabe-se que, diante das desigualdades existentes no mundo e por que não, no espaço escolar, a educação emocional possui diversas finalidades como: fazer com que os indivíduos compreendam suas próprias emoções e tenham maior flexibilidade frente às frustrações; de que haja uma prevenção dos efeitos prejudiciais das emoções negativas; para que exista uma melhor resolução das pendências ou dos conflitos, que, também, previnem abusos; a fim de que haja uma melhor construção das relações sociais e aptidão à empatia ou mesmo o desenvolvimento da automotivação e de uma atitude positiva perante à vida; a existência de posturas que melhor controlem o estresse, estados depressivos e a ansiedade, que cresce a cada dia no mundo; com o intuito da consciência dos fatores que estimulam o bem-estar permitindo, quando o projeto é bem estruturado em uma escola, por exemplo, de que haja colaboração entre todos os atores escolares, auxiliando, também, para que todos

os indivíduos ganhem sempre, através dos caminhos traçados, não incidindo em novas perdas, proporcionando às soluções, sendo esse processo baseado na conciliação, negociação e desconstrução dos eventos conflituosos (SERAFIM et al., 2024).

Por sua vez, é reconhecido que a existência da justiça é garantia de que os direitos de todos os sujeitos sejam respeitados e, segundo Pereira e Guimarães (2021), é preciso ser ensinado aos indivíduos que não reproduzam as desigualdades sociais já encontradas em sociedade, mas sim que visualizem a diversidade humana e a pluralidade cultural que produzem, sendo, portanto, incentivadores e incentivados a buscarem recursos através dos quais sejam estes os meios alternativos de se obterem a tão sonhada justiça. Assim, a justiça restaurativa traz uma inovação, pois permite a reintegração do agressor, mediante ao diálogo produtivo, que não só tem o efeito de responsabilização, mas repara o mal sofrido pela vítima, sendo uma dessas propostas alternativas que, em sua essência, compreende que a resolução de conflitos precisa de soluções que restaurem o tecido social “rompido”, reparando os danos e a relação entre os sujeitos diretamente ou indiretamente envolvidos (LAGO, SILVA, 2024).

Portanto, verifica-se que por meio da mediação de conflitos e justiça restaurativa, cada pessoa se responsabiliza pelo que for necessário em determinada situação, aprendendo a se posicionar frente aos momentos vivenciados e refletindo sobre seus atos, sempre utilizando-se do diálogo, que acolhe e intervém de maneira sábia nas interações sociais. Pelos motivos acima expostos, percebe-se que estudar sobre a comunicação não violenta é investimento certo à prevenção da violência na escola, sendo estes conhecimentos e preceitos, quando colocados em prática, possíveis de garantir a existência do respeito entre os sujeitos, de um maior compromisso dos adolescentes com seus estudos, sendo uma forma, inclusive, de diminuição das indisciplinas ocorridas, assim como uma provável maneira de prática da gentileza e empatia nas relações interpessoais, oportunizando um clima mais favorável à aprendizagem e à construção dos conhecimentos de mundo.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1. LOCAL DE REALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO PARTICIPANTE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

As atividades pertencentes ao projeto de estudo teórico e prático em PJ (Protagonismo Juvenil), PV (Projeto de Vida) e CSE (Competências Socioemocionais) foram realizadas entre os meses de outubro a dezembro do ano de 2023, junto a um grupamento de alunos pertencentes à Escola Municipal Luiz Jacob, localizada na área urbana de São José do Rio Preto – SP e que atende alunos dos seis aos 14 anos, num total de 350 alunos. O público-alvo atendido por essa unidade escolar, em sua maioria, é composto por famílias de baixa e média renda, tendo a peculiaridade de possuir muitos refugiados provindos da Venezuela e do Haiti.

Devido ao aumento de indisciplinas, que geravam demandas além das previstas, situação que consumia pouco do tempo disponível dos gestores, bem como devido ao registro de agressão física junto a órgãos policiais e de proteção da criança e adolescente, foi proposto um miniprojeto, assim denominado devido ter duração mais curta e que pudesse, mesmo diante do encerramento do ano letivo, contribuir para uma reflexão do aluno quanto aos seus objetivos de vida e melhoria de sua

postura como estudante e cidadão. Cerca de 170 alunos adolescentes (pertencentes a ambos os sexos), de 12 a 14 anos, regularmente matriculados no presente colégio, participaram das aulas teóricas sobre protagonismo juvenil, discutiram e refletiram sobre seus projetos de vida e sobre a importância do autoconhecimento, tanto através do estudo das competências socioemocionais, como por meio de atividades práticas e bate-papos. Os discentes cursavam os Anos Finais do Ensino Fundamental (EF2) em 2023, sendo estudantes vinculados aos sétimos, oitavos e nonos anos da referida escola.

2.2. AS ETAPAS DESENVOLVIDAS AO LONGO DA EXECUÇÃO DO PROJETO DE MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

O presente estudo deu início com a contabilização de indisciplinas diárias na escola, que atingiam cerca de 3-5 ocorrências em todo período matutino, número considerado bastante alto se levadas em conta a quantidade de horas-aula realizadas cotidianamente, que seriam num total de 4h30. A realização da mediação escolar era individual, sendo o aluno encaminhado pelo professor ou inspetor à coordenação pedagógica, que orientava os envolvidos sobre as indisciplinas, naquele momento. Dessa forma, os discentes eram convidados a refletir sobre as ações que realizaram, julgando-as como procedentes ou não, tentando expressar seus sentimentos e emoções, tanto o autor da intercorrência como o aluno que sofriam com os atos, sendo feito um reforçamento negativo de comportamentos inadequados e positivo daqueles que deveriam ser continuados finalizando, na maior parte das vezes, com pedidos de desculpas espontâneo dos alunos diretamente envolvidos nessas situações.

O acompanhamento dos acontecimentos era realizado tanto via reunião de professores, como ao indagar os discentes sobre o que havia sido vivenciado, realizando novas intervenções, se necessário, posteriormente. Não eram feitas quaisquer retiradas de reforçadores dos alunos, assim como aplicadas quaisquer punições positivas. Os pais e/ou responsáveis eram comunicados quanto às ações indevidas de seus filhos, ou seja, que contradiziam o regimento escolar, tido como referência de boa conduta escolar, sendo realizada uma parceria entre família e escola, criando-se um vínculo produtivo para que os bons comportamentos fossem incentivados.

Além disso, em sala regular, a coordenadora pedagógica da escola, a partir da disponibilização de momentos das aulas de outros professores que pudessem ser direcionados ao estudo de textos e discussões fundamentadas, estudou teoricamente junto aos alunos as seguintes macro competências socioemocionais, recomendadas pelo Governo do Estado de São Paulo e BNCC de serem trabalhadas: amabilidade, engajamento com os outros e resiliência emocional. Acrescidos a esses estudos, conteúdo sobre a importância do protagonismo e reflexão sobre projetos de vida, também foram abordados. As aulas eram semanalmente ministradas, sendo realizadas leitura de textos, contextualizações e conceitualização de termos-chave, assim como eram feitas dinâmicas ou rodas de conversa, sendo, portanto, toda aula dialogada.

Dentre os assuntos trabalhados em PV, de maneira simplificada estiveram: o traçado entre o “ser e o que se deseja ser”; reforçando os pontos fortes e os que ainda precisam ser fortalecidos em cada indivíduo; o significado e o sentido daquilo que faço; o que é importante para mim e àqueles que não são como eu; somos iguais, respeito é bom e nós gostamos; solidariedade, um enorme bem-querer pelo outro e pelo mundo; eu posso ser o que eu quiser; e o poder da escolha. Dentre as temáticas

abordadas em PJ foram elencadas: sobre o protagonismo e compromisso individual; o exercício de liderança na turma da minha escola; atuando positivamente na comunidade; e é preciso mudar para transformar. Também foram discutidos temas como *bullying*, violência, exposição na internet, preconceito e intolerância, inclusão, consumo saudável de conteúdos na internet e sobre ética.

Foram utilizados, para a realização de rodas de conversa e dinâmicas, cartas que compunham baralhos pedagógicos, contendo frases disparadoras que eram faladas pela coordenadora para dar início às discussões e/ou expressões das opiniões dos alunos. São exemplos desses materiais: o baralho pedagógico de trabalho - habilidades sociais, o que referenciava as emoções, o “Eu na Escola”, o que trabalhava comentando sobre os comportamentos adolescentes, além do “Puxa-Conversa Família” e o denominado “*antibullying*”. O cronograma de aulas intercalava atividades práticas e teóricas, quando então textos eram passados na lousa e/ou lidos, sendo introduzidas temáticas veiculadas às notícias verificadas na mídia ou nos jornais/televisão na época em questão, convidando o aluno a se posicionar diante dos fatos relatados. As exposições eram propositalmente provocativas, para levar o aluno a enunciar seus pensamentos ou sentimentos frente ao tema discutido.

Até o momento, na referida escola, nunca havia sido sistematizado um estudo sobre PV, PJ, componentes que não fazem parte do estudo elencado para as escolas municipais de São José do Rio Preto de EF2, diferentemente do observado pelas unidades escolares do Estado. Infelizmente, também, a aplicação dos estudos sobre competências socioemocionais é inicial tanto nas escolas municipais como estaduais, sendo necessário maiores estudos teóricos e práticos sobre a referida temática, que levem o professor a ter maior segurança e repertório para elaborar planos de aula e estratégias pedagógicas mais eficazes no dia a dia escolar. Pelos motivos expostos, foram realizados estudos teóricos dos materiais do Instituto Ayrton Senna e Currículo em Ação (Projeto de Convivência – CONVIVA) em reuniões de professores, bem como sua aplicabilidade no cotidiano escolar, para que os docentes pudessem dar continuidade ao que os alunos estudavam junto à coordenação. Portanto, era realizado uma retroalimentação do ciclo educativo, também sendo os pais orientados em como dar a correta assistência aos seus filhos. Casos importantes eram encaminhados aos Centros de Atendimento Psicossociais (CAPS), para especialistas da área de Saúde Mental ou mesmo ao Centro de Referência da Assistência Social (CRAS).

A coordenadora pedagógica, nesse ínterim, também realizou capacitações em Justiça Restaurativa, recomendadas pela Secretaria Municipal de Educação (SME) de São José de Rio Preto e Cultura da Paz, realizadas junto à Vara da Infância e Juventude.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Resultados surpreendentes foram alcançados pelas ações pedagógicas propostas: 1) adesão por completo da equipe docente do Ensino Fundamental 2 quanto a cederem momentos de suas aulas para exposição de conceitos que melhor contextualizassem as competências socioemocionais, não havendo qualquer impacto aos planos de ensino das disciplinas componentes da matriz curricular, previamente estabelecido para 2023, de acordo com a legislação vigente; 2) melhor convívio entre os adolescentes durante às aulas, nos momentos das trocas de professor a cada aula, destes para com os docentes e junto aos funcionários da escola; 3) posturas

adquiridas pelos adolescentes em eventos escolares demonstravam maior empatia e preocupação com outras pessoas; 4) melhoria quanto à prática da escuta ativa, ao questionamento e à argumentação, demonstrando maior interesse dos alunos nas atividades escolares desenvolvidas; 5) maior consciência dos atos praticados, sendo mais fluidas as mediações escolares, possibilitando que os acordos realizados fossem mediados pelo diálogo, sem quaisquer punições por parte da escola (brincas) ou por parte da família (retirada de reforçadores ou aplicação de “castigos”), bem como eram realizados pedidos de desculpa de maneira espontânea por parte dos autores das indisciplinas; 6) diminuição no número de indisciplinas praticadas na escola, possibilitando que o tempo utilizado nas mediações, anteriormente, pudessem ser utilizados de maneira mais produtiva e menos desgastante à comunidade escolar; 7) maior número de alunos decidindo quanto aos seus projetos de vida, dando encaminhamento aos estudos preparatórios para vestibulinhos; 8) maior encaminhamento dos alunos a profissionais da saúde mental e maior preocupação dos pais/responsáveis com a sua própria saúde mental e com a de seus filhos; 9) maior estudo por parte dos professores, junto à coordenação pedagógica, quanto às formas de trabalho com habilidades socioemocionais e uso de ferramentas pedagógicas/materiais didáticos propostos pela CASEL (*Collaborative for Academic, Social and Emocional Learning*), por autores como Zilda e Almir Del Prette, bem como PNLDs (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) sobre Competências Socioemocionais; 10) melhoria do ambiente escolar, tornando-se mais agradável à realização das atividades, aumentando o número de atividades extraclasse, devido à melhoria de ânimo dos profissionais da educação e, conseqüentemente, maior aproveitamento do conteúdo programático e transversal por parte dos alunos; 11) melhor desempenho escolar por parte dos alunos, resultando, inclusive, em uma melhor postura dos alunos em ambientes externos, durante eventos formais, que exigiam o cumprimento de regras e protocolos ou mesmo em avaliações externas dentro da unidade escolar, que recebe equipe externa para aplicação desses instrumentos avaliativos.

A proposição das ações pedagógicas que utilizavam momentos das aulas dos docentes, deram origem a situações de proatividade praticadas pelos alunos de maneira voluntária, o que atraiu a atenção dos professores, gerando interesse e motivação deles frente à importância do trabalho pedagógico que focasse essa temática. Assim, fosse em outras aulas que não a de PJ/PV/CSE, fosse em momentos de convivência com a comunidade escolar ou famílias, havia a demonstração de que o trabalho realizado pela coordenadora, de fazer com que o aluno refletisse sobre seus objetivos de vida ou projeto de vida ou quanto às ações que realmente contribuíam para a criação de uma sociedade mais humanizada, gerassem frutos de um melhor comportamento e de posturas melhor pensadas e com intencionalidade, ocasionando modos de agir singulares nos espaços sociais. Observar a autonomia do indivíduo, uma maior participação dele em diversos cenários, uma maior responsabilização social ou prática dos atos de cidadania, revelam um maior protagonismo, fazendo com que o sujeito se torne ativo, saindo de uma posição considerada passiva, que não revela interação ou possibilidade da construção de uma sociedade democrática (MOREIRA, FREITAS, 2023).

Ademais, pais ou responsáveis dos alunos, em conversa com a coordenação, relatavam maior afetividade dos alunos junto aos seus entes familiares, além de ser visto, nas chamadas que os discentes respondiam diariamente, maior assiduidade na escola, havendo encaminhamento ao Conselho Tutelar de menor número de notificações de faltas. Assim, os alunos não somente estavam presentes em

atividades lúdicas ou mais movimentadas, mas em atividades formativas e somativas como as avaliações institucionais ou mesmo as avaliações externas. Havia, também, maior liderança dos estudantes em projetos escolares e aqueles realizados fora da escola, sendo visto uma maior cooperação e colaboração dos alunos em atividades coletivas.

Tais modificações visualizadas no presente estudo são explicadas por Estormovski e Silva (2024), que declaram ser importante o estudo das competências socioemocionais na atualidade, passando a ser prioridade após a pandemia de COVID-19, que criou “um novo estado normal”, que demandaria que as emoções precisassem ser instrumentalizadas, para um melhor entendimento por parte de todos, fazendo com que a escola inserisse a dimensão socioemocional dentre as aptidões que deveriam ser incluídas ao compromisso formativo da escola, passando a ser importante, dessa forma, a contextualização dos processos emocionais para seguir a promoção da coletividade e engajamento das pessoas, bem como uma ressignificação da liderança, dessa forma, auxiliando no processo do autoconhecimento, reconhecimento das singularidades e individualidades dos estudantes, bem como o gerenciamento dos comportamentos.

Logo após à pandemia, a gestão escolar utilizava quase 80% do tempo das aulas mediando situações que se tratava de indisciplinas; atualmente e após o início do referido miniprojeto, ocorrem, no máximo, uma indisciplina por dia, ou uma a cada dois ou três dias, tendo havido uma diminuição de cerca de 60% nos índices das indisciplinas, que, inclusive, anteriormente se tratava de atitudes que tendiam à agressão, sendo, portanto, faltas mais graves. Hoje em dia, as indisciplinas praticadas pelos alunos trata-se de situações relacionadas à falta de comunicação ou falta de entendimento por uma ou ambas as partes envolvidas, cujo diálogo tem se demonstrado a melhor forma de resolução, devido a não acontecerem reincidências. Os professores têm conseguido mediar as situações conflituosas sem solicitar, por vezes, a intervenção da gestão.

Foi observado, também, que os discentes contribuíam para um maior acolhimento entre pares, havendo maior inclusão dos alunos, quaisquer que fossem eles, incidindo em um conjunto de ações pedagógicas mais articuladas e intencionais por parte dos docentes, fazendo com que elas promovessem um ambiente dialógico, crítico e que possibilitasse uma aprendizagem mais significativa por parte dos alunos. Àqueles professores que, mais motivados colaboravam com a ocorrência das discussões, puderam verificar *in loci*, alunos sendo mais colaborativos e não criando indisciplinas, que começaram a se interessar mais nas aulas, concretizando momentos prazerosos e que criavam vínculos positivos entre docentes-discentes. Conforme descrito por Silva (2023), cada aluno traz consigo uma história única, possuindo características, habilidades e dificuldades, sendo necessário um olhar diferenciado e uma abordagem especial para promover a igualdade de oportunidades e respeito à singularidade de cada indivíduo. As posturas mais adequadas dos alunos foram observadas em momentos de recebimento de alunos especiais em sala regular e em situações de que seus colegas de classe haviam recebido premiações, demonstrando não só afetividade, mais uma sensibilização da comunidade escolar, solidariedade, superação de barreiras atitudinais, menor preconceito e vivência do respeito e empatia.

Devido a uma melhor convivência entre alunos e professores, tivemos 20 deles que se tornaram monitores de projetos e serão capacitados pelos professores e coordenadora para auxiliarem alunos a serem treinados em competições ou mesmo superarem dificuldades de aprendizagem, sendo orientados pelos seus professores

tutores (acompanhados por eles). Também, os alunos, mais motivados, ganharam destaque em competições, fosse em criação de poemas e sua declamação (foram dois primeiros lugares conquistados na Batalha Poética do município) ou mesmo em disputas de raciocínio lógico-matemático (foram quatro medalhas de bronze conquistadas e uma medalha na OBMEP). O processo de estudo das competências socioemocionais gerou processos de orientação educacional, fazendo com que os alunos refletissem sobre estratégias e, segundo indicado por Costa (2023), tivessem um melhor diálogo entre pares, uma convivência mais saudável, erradicação ou diminuição de atitudes/comportamentos intolerantes, dando possibilidade da prática de atitudes positivas, de respeito mútuo, diminuindo a incidência de brigas na escola, tentativas de auto lesão provocada, aumentando o autocontrole emocional e diminuindo os impulsos conflituosos. Houve menos expulsões em sala de aula, melhor adaptação dos alunos às regras da escola, maior trabalho em equipe e menor número de intervenções por parte do professor ou gestão.

Também, ao abordar sobre projeto de vida, maior número dos alunos se interessou em estudar para realizar vestibulinhos para Escolas Técnicas (ETECs), o que antes não era visto na presente unidade escolar. Cerca de dez alunos criaram o objetivo de se preparem para essas avaliações, sendo que três deles já fariam o vestibulinho em 2023 (dois deles foram admitidos nos cursos desejados). Tartuce et al. (2023) descrevem que refletir sobre o devir ou de que um determinado projeto de vida se associaria a uma possibilidade de futuro, oportuniza a construção de uma carreira de sucesso, pois auxilia na construção e entendimento da subjetividade do sujeito, uma melhor relação entre o “eu” e o “outro”, há um ensino do melhor escolher e melhor tomada de decisões, além dos estudantes compreenderem as variáveis intervenientes em suas escolhas, criando estratégias de enfrentamento e maior autoconhecimento.

Diante dos resultados acima elencados, ainda é importante declarar que maior parceria entre escola-família foi alcançada e melhor formação docente está sendo consolidada, resultando em cerca de vinte encaminhamentos ao CAPS (para investigação de transtornos de aprendizagem, de transtornos depressivos, evitando auto lesões provocadas), o que indica maior adesão e entendimento tanto por parte do professor como por parte das famílias da importância do autocuidado e do cuidado com a saúde mental dos alunos/filhos. Mães começaram a procurar a coordenação para pedirem ajuda e encaminhamento aos centros de atenção psicossocial, o que demonstrava que a comunidade se sente mais acolhida e que possui uma maior confiança no trabalho gestor, gerando maior proximidade entre pais e gestora.

O presente miniprojeto, mesmo tendo sido iniciado pontualmente às questões de indisciplina, tem promovido melhor trabalho em equipe, tanto entre professores como entre alunos, sendo, então, continuado em 2024 e sendo a base para a formação docente.

4 CONCLUSÃO

O trabalho pedagógico com competências socioemocionais é bastante novo, tendo se tornado urgente após a pandemia de COVID-19, situação que resultou em variadas formas, estratégias e intencionalidades pedagógicas para aumentar o autoconhecimento e possibilitar uma discussão sobre comportamentos e emoções junto às crianças e adolescentes. A inteligência emocional nunca havia sido pauta de temáticas a serem estudadas em espaços escolares, que sempre priorizavam

assuntos tradicionalmente trabalhados e que envolviam o desenvolvimento cognitivo, metas quantitativas e melhor desempenho acadêmico discentes.

Verifica-se, no entanto, que apesar da importância da temática em questão, ainda não existem caminhos pedagógicos consolidados de uma didática ou práxis pedagógicas para ensinar habilidades socioemocionais, sendo a tentativa e erro a melhor forma de se alcançar resultados significativos aos alunos. Assim, o presente estudo demonstra uma iniciativa frente ao trabalho com jovens em ambiente público, notadamente com indivíduos que vivenciam a adolescência, pois passam por marcos de desenvolvimento biológico e psicológico que necessitam de uma rede de apoio e de acolhimento. Ainda, é relevante que debater sobre habilidades socioemocionais auxilia no processo de formação integral do indivíduo, pois é visto corriqueiramente, que as autolesões provocadas e distúrbios emocionais incidem, em grande parte, na faixa etária descrita.

Um apontamento essencial de ser feito é que, apesar da existência dos materiais em rede pública, denominados como projetos de convivência, estes ainda não são direcionados aos adolescentes, tornando a formação docente custosa ao coordenador pedagógico, que precisa realizar uma coletânea de documentos para iniciar um processo de estudo junto aos professores. Além disso, é necessário que a gestão pedagógica possua apoio técnico de profissionais da área de Saúde Mental, tanto para entender a linguagem técnica ou até mesmo para direcionar o processo educativo. Infelizmente, essa realidade ainda não está presente na sociedade atual.

Assim, o presente estudo revelou estratégias pedagógicas que servem como início de raciocínio para estudo das competências socioemocionais, que não são necessárias medidas punitivas para educar emocionalmente um aluno, pelo contrário, tal postura apenas dificulta o aprendizado, pois o comportamento inadequado volta a ser emitido após a extinção do estímulo punitivo, sendo, portanto, o diálogo e os princípios da justiça restaurativa e cultura da paz excelentes aliados e que possibilitam o incentivo à motivação tanto docente como do aluno, que melhoram tanto a convivência como permitem uma diminuição das indisciplinas nos espaços escolares.

REFERÊNCIAS

CANETTIERI, Marina Kurotusch; PARANAHYBA, Jordana de Castro Balduino; SANTOS, Soraya Vieira. Habilidades socioemocionais: da BNCC às salas de aula. **Educ. Form.**, v. 6, n. 2, e4406, p.1-21, mai./ago. 2021.

CARMO, Walkiria Batista do. Competências socioemocionais e cultura de paz: ferramentas didáticas. **Revista Científica FESA**, v. 1, n. 20, p.59–71, 2022.

DEL BIANCO, Daiana Aparecida; FERNANDES, Maria José da Silva. Mediação escolar nas escolas estaduais paulistas: análise do trabalho a partir da revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 17, p. 1-17, jan./dez. 2023.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. Orientação na área das competências socioemocionais em contextos multiculturais. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 6, n. 13, p. 328-339, 2023.

ESTORMOVSKI, Renata Cecilia; SILVA, Roberto Rafael Dias da. Currículos socioemocionais e liderança: da mobilização coletiva à motivação do eu. **Educ. Pesqui.**, v. 50, e269220, p. 1-19, 2024.

FERNANDES, Glaucia Guisso; LOPES, Maria Paula Daltro. Mediação escolar e justiça restaurativa. **Revista Jurídica da Universidade do Sul de Santa Catarina**, v. 9, n. 19, p. 97-108, 2019.

LAGO, Andréa Carla de Moraes Pereira; SILVA, Jaqueline de Oliveira Alexandre Lagoa e. O cyberbullying escolar e a ofensa do direito a honra: justiça restaurativa como forma de solução de conflitos. **Revista da ABPN**, v. 15, n. 43, p. 357-380, 2024.

MARTINS, Angela Maria; MACHADO, Cristiane; FURLANETTO, Ecleide Cunico. Mediação de conflitos em escolas: entre normas e percepções docentes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 161, p. 66-592, jul./set. 2016.

MARTINS, Silvana Nobre; CASTILHO-JUNIOR, Christovam. Justiça restaurativa e mediação como forma de solução de conflitos. **Revista Universitas**, v. 1, n. 10, p. 84-107, 2024.

MOREIRA, Maria Daiane Lopes; FREITAS, Herikson Araújo de. Abordagem de questões sociocientíficas no ensino de biologia como mecanismo de fortalecimento do protagonismo juvenil. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 16, nesp. 1, p. 800-820, 2023.

PEREIRA, Ana Carolina Reis; GUIMARÃES, Áurea Maria. Direitos humanos e justiça restaurativa nas escolas: o que pensam os professores? **Educação em Revista**, v. 37, p. 1-19, 2021.

SERAFIM, Ana Luísa; VELOSO, Cláudia Miranda; FERNANDES, Sara Veiga; RIVERA-NAVARRO, Jesús. As competências socioemocionais em contexto de pandemia por Covid-19. **Revista Gestão e Secretariado (GeSec)**, v. 15, n. 2, p. 1-18, 2024.

SILVA, Adinairde Neves da. Prática pedagógica: desafios de transformar a teoria na prática inclusiva. **Humanidades & Tecnologia (FINOM)**, v. 40, p. 398-410, mai./jul. 2023.

SILVA, Manuel Gomes da; SALES, Lília Maia de M. Mediação pedagógica de conflitos na sala de aula no processo ensino-aprendizagem. **Revista de Direito UNIFACS**, v. 273, p. 1-19, 2023.

TARTUCE, Gisela Lobo B.P.; SOUZA, Liliane Bordignon de Souza; ALMEIDA, Patrícia Albieri. Projeto de vida: como pesquisadores da área da Psicologia e da Educação abordam essa categoria? **Revista Eletrônica de Educação**, v. 17, p. 1-24, jan./dez. 2023.

VALENZUELA-APARICIO, Yulieth Paola; OLIVARES-SANDOVAL, Shirley Karina; FIGUEROA-FERRER, Elkin Manuel; CARRILLO-SIERRA, Sandra Milena;

HERNÁNDEZ-LALINDE, Juan. Relación de la inteligência emocional y acoso escolar em adolescentes. **Revista Electrónica Educare (Educare Electronic Journal)**, v. 27, n. 1, p. 1-15, 2023.